

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

CURSO DE ARTES VISUAIS-BACHARELADO EM DESENHO E PLÁSTICA

TAUANA ORFILA MORA PIRES



AVISA LÁ, QUE ME AFUNDEI OUTRA VEZ!

*ELA SEMPRE VEM*

*É A MORTE EM VIDA*

*HÁ QUEM DIGA QUE É MENTIRA*

*MAS, ELA SEMPRE VEM*

*MATA-ME AOS POUCOS*

*TIRA-ME A VONTADE DE VIVER*

*AH. ESSA MORTE EM VIDA QUE ME AGONIZA!*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO EM DESENHO E PLÁSTICA

TAUANA ORFILA MORA PIRES

**AVISA LÁ, QUE ME AFUNDEI OUTRA VEZ!**

SANTA MARIA, RS  
2018

TAUANA ORFILA MORA PIRES

**AVISA LÁ, QUE ME AFUNDEI OUTRA VEZ!**

Trabalho de graduação como requisito  
Parcial a obtenção do título de  
Bacharel em Artes Visuais pela  
Universidade Federal de Santa Maria.

Orientador: Prof. JOSÉ FRANCISCO GOULART

SANTA MARIA, RS  
2018

TAUANA ORFILA MORA PIRES

**AVISA LÁ, QUE ME AFUNDEI OUTRA VEZ!**

Trabalho de graduação apresentado como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria.

Orientador:

---

Prof. M.e JOSÉ FRANCISCO GOULART  
Departamento de Artes Visuais

---

Prof.M.e LUSA LOPES AQUISTAPASSE  
Departamento de Artes Visuais

---

Prof. Dra KARINE PEREZ  
Departamento de Artes Visuais

Santa Maria, 20 de novembro 2018

## RESUMO

O tema desta pesquisa é retratar o outro<sup>1</sup>, através do autorretrato, relacionando as vivências com o mar. Para sua realização, foram utilizados alguns meios, como: poesias na escrita para complementar o texto, fotografias para utilização na autorrepresentação para o modelado, desenho para auxiliar na visualização (projeto), compasso de ferro na construção da estrutura da peça, terracota<sup>2</sup> para o modelado da escultura maciça de grande porte. Trabalho prático que reforça as questões relativas a autorrepresentação e as relações vivenciadas. A pesquisa tem como ponto de partida estabelecer uma relação com a escultura e o meio em que será inserida, sendo pensada para o meio externo. A escultura será colocada no campus da Universidade Federal de Santa Maria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escultura, auto representação, argila, mar.

---

<sup>1</sup> O outro colocado como ser - humano que compartilha afeto e vivencias.

<sup>2</sup> Terracota nome dado para uma espécie de argila

## RESUMEN

El tema de esta investigación es retratar al outro<sup>1</sup>, a través del autorretrato, relacionando las vivencias con el mar. Para la realización se utilizaron algunos medios: poesía en la escritura para complementar el texto, fotografías para uso en la auto-representación para el modelado, diseño para auxiliar en la visualización (proyecto), compás de hierro en la construcción de la estructura de la pieza. Terracota<sup>2</sup> para el modelado de la escultura masiva de gran porte. Trabajo práctico que refuerza las cuestiones relativas a la auto-representación y las relaciones vivenciadas. La investigación tiene como punto de partida establecer una relación con la escultura y el medio que será insertada, siendo pensada para el medio externo. La escultura será colocada en el campus de la Universidad Federal de Santa María.

**PALABRAS CLAVE:** Escultura, auto representación, arcilla, mar.

<sup>1</sup> El outro colocado como ser humano que comparte afecto y vivencias.

<sup>2</sup> Arcilla fabricada y cocida al horno



*Esse sentimento que me rasga  
Me maltrata, me sinto desolada  
Não há o que faça essa dor passar  
Depressão é a pressão de viver  
Sinto esse sentimento tão profundo  
Que vejo o fundo minha alma encurralada  
Por conceitos, medos e sujeitos  
Me ajoelho e peço piedade para essa minha alma sem jeito  
Ah malditos sujeitos com seus conceitos que não sabem dialogar  
Não há o que faça essa dor passar  
Sentimento esse que de tão profundo não cabe na palavra  
Só sinto que rasga  
É profundo, por isso me afundo.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cabeça de vagina /2015 .....	17
Figura 2 - Mulher interpretada /2015.....	17
Figura 3 - Autorretrato interpretativo desenvolvido com prof. Susana Gruber /2016 .....	18
Figura 4 - Autorretrato interpretativo em terracota /2016.....	20
Figura 5 - Autorretrato interpretativo em terracota/2016.....	20
Figura 6 - Autorretrato interpretativo em terracota, finalizado com cimento /2017 .....	21
Figura 7 - Autorretrato interpretativo em terracota, finalizado com cimento /2017 -2 .....	21
Figura 8 - Três fotos que auxiliaram na feitura da escultura. ....	32
Figura 9 - Planejamento a partir da foto e implementação prática.....	33
Figura 10 - Planejamento a partir da foto e implementação prática. 2 .....	33
Figura 11 - Planejamento a partir da foto e implementação prática.....	34
Figura 12 - O compasso.....	34
Figura 13 - Vencendo etapas. ....	35
Figura 14 - Escultura pronta no modelado. ....	37
Figura 15 - Escultura pronta no modelado. 2.....	38
Figura 16 - Fio de arame utilizado para o corte.....	38
Figura 17 - Processo de corte. ....	39
Figura 18 - Processo de corte. 2.....	39
Figura 19 - Processo de corte. 3.....	40
Figura 20 - Partes da escultura no forno, após queima. ....	41
Figura 21 - Peça rachada.....	41
Figura 22 – Peça rachada. 2 .....	42
Figura 23 - Apresentação para o TFG .....	42
Figura 24 - Apresentação para o TFG.2.....	43
Figura 25 - Apresentação para o TFG.3.....	44

## SUMÁRIO

1. APRENDENDO A NADAR.....	10
2. PRIMEIROS MERGULHOS.....	14
3. ONDAS.....	16
4. MERGULHO PROFUNDO.....	20
5. NADAR, MERGULHAR E AFUNDAR.....	24
5.1. UM POUCO DO MERGULHO.....	31
6. REFERÊNCIAS: .....	47

## 1. APRENDENDO A NADAR

Lembro-me de que, na minha infância, sempre gostei de desenhar. Na escola, como a maioria das crianças, desenhava casas, sol, montanhas, pessoas, enfim, a famosa casinha com uma chaminé fumegante ao final de uma estrada com umas montanhas ao fundo. Sem esquecer as gaivotas voadoras suspensas nas rodovias do céu. Também era prazeroso tentar imitar os desenhos que via nos livros de contos infantis que eu tinha.

Nessa etapa, minha avó materna foi uma pessoa muito importante para mim e sempre desenhou comigo. Hoje, sou eu quem ensino para ela algumas particularidades da linguagem do desenho.

Meus pais também sempre me estimularam e valorizaram minhas iniciativas gráficas e, com o passar do tempo, fui desenhando com mais confiança. Sentia-me corajosa o suficiente para entrar na água e dar minhas primeiras braçadas. Meus primeiros desenhos com certa autonomia imaginativa.

Mais tarde, enveredei para o mundo das histórias em quadrinhos. Aí, pude expressar, mesmo com um desenho extremamente amador, minhas ansiedades, raiva, dor, sentimentos, desejos... Para tanto, criei Sofia, um quase alter ego, que falava por mim e me representava. Muito do que não falei ou deixei de falar, ela disse por mim. Foi a alternativa que encontrei para enfrentar e refletir aspectos conflitantes e repressores que já me perturbavam.

No entanto, percebia nitidamente o alívio e leveza que a produção desses desenhos e bonecos me proporcionava. Desenhando, consegui falar muitas coisas que estavam internalizadas e, assim como uma maré calma que chega suave e marcante, consolidou-se a necessidade da arte em minha vida.

Sentia-me entrando no mar para dar o primeiro mergulho. Aquele em que a onda te engole inteira, mas quando você retorna à superfície, sente-se imensamente vivo e presente no mundo.

Na sétima série, comecei a levar mais a sério o desenho e cogitar o ingresso em um curso de artes. Essa convicção, mesmo precoce, parece que me transformava, ou melhor: me transportava. Sentia-me à beira do mar mirando um horizonte líquido e molhando os pés como se fosse pela primeira vez. Eu só queria entrar cada vez mais fundo, para fazer parte dessas águas que se apresentavam a

mim. Entretanto, para explorar na plenitude, vi que tinha muita natação pela frente. Precisava aprender a nadar melhor.

A atração foi tão intensa, que no Ensino Médio eu já tinha plena certeza: minha futura atividade profissional seria com a formação em um curso de Artes Visuais.

Minha professora de artes, no primeiro ano do EM, tinha uma didática que até então não tinha visto nos colégios que frequentei. Foram aulas que me acrescentaram e estimularam muito. Percebi que poderia, sim, ser competente em algo. Sempre me cobrei e, de certa forma, me sentia inferiorizada por não entender direito matemática, química e física. Ter uma matéria com uma excelente professora, onde eu conseguia destacar-me e nadar com confiança, era muito gratificante. Fazia-me imensamente feliz. Gostaria muito de poder agradecer a essa professora, pois, graças a ela, consegui manter aceso o acreditar na potência do campo das artes para o ser humano e para o mundo. Afinal, como já disse Frederico MORAIS(p.23,1983): “Aqui a arte, porque é ela que permite às nações sonharem. E um país que não sonha, que não tem entre seus cidadãos atuantes, artistas vivendo intensamente seus processos criativos, criando livremente, é um país doente.”

Infelizmente, a partir do segundo ano do Ensino Médio, deixamos de ter, no currículo, a disciplina de Artes, que foi ocupada pela informática. Uma lástima, porém não o suficiente para arrefecer minha escolha.

No último ano do EM, ingressei em um curso de Desenho de Observação, com o objetivo de estar em melhores condições para prestar a prova específica e o vestibular do curso de Artes Visuais da UFRGS. Também devo muito ao professor Antonio Maciel, com o qual, nesse curso preparatório, tive oportunidade de construir uma noção mais profissional sobre ser artista, os primeiros entendimentos de estética, materiais e técnicas, enfim, uma apresentação mais geral e contextualizada desse universo. Foi um curso que me ensinou coisas, que hoje ainda carrego e exercito.

Para minha tristeza, reprovei na famigerada prova específica e não pude prestar vestibular junto à UFRGS. Foi uma situação muito forte e não conseguia acreditar, pois havia passado um ano fazendo o tal curso de desenho. Estava tão submersa naquele mar de aprendizados que senti como se a maré estivesse gulosamente me engolindo... levando algo muito importante e me deixando desnuda, até de sonhos, à frente da imensidão do mar. A impotência da sensação de que, de fato, não tinha ainda aprendido a nadar. Havia tentado em vão, pois continuava na

beira do mar. Senti um vazio imenso (parecia que a arte escoava feito água em uma pia). Um misto de sentimentos me afundava. É difícil aceitar que é normal não aprender a nadar na primeira vez que se entra no mar.

Afundar é necessário

Perceber que é preciso nadar

Nadar para continuar vivo

Viver para afundar

Afundar para renascer

Mergulhar para criar

Voltar para a superfície para viver

Viver para ser o mar...



## 2. PRIMEIROS MERGULHOS

Um mês após a reprovação na UFRGS, fui aprovada no vestibular da UFSM para o curso de Artes Visuais. Não estava mais sozinha na beira do mar. Mergulhei para ver até onde conseguia chegar e me vi maravilhada cursando, enfim, Artes Visuais. Realmente, comecei a mergulhar mais fundo no mar de possibilidades que se apresentava para mim.

No primeiro semestre acadêmico, na disciplina de Fundamentos do Desenho e Plástica I, em uma aula de Apreciação, com a professora Mirian Finger, foi colocado o filme de Camille Claudel. Fiquei muito interessada pela história daquela escultora que fora tão importante na história da escultura mundial. Naquele momento, começou a nascer em mim a curiosidade acerca das questões que envolvem as lidas tridimensionais, motivação que foi muito estimulada e despertada nas aulas de Volume no Espaço, com o professor José Goulart. A paixão pela escultura foi inevitável nessas aulas, que eram alimentadas por muitos questionamentos, e não somente conhecimento pronto, cuspidado, vomitado. Esse tesão pelo saber e de procura que essa aula proporcionou me fez perceber que eu estava no lugar certo, num ponto que me permitia também enxergar além-mar, mesmo estando ancorada nessa enseada. Fazia sentido a minha vida ter rumado para outro porto.

Sentir-me em uma cidade a quatro horas de distância da minha cidade natal, morando sozinha, cursando a faculdade que tanto havia almejado, foi incrível. Pude notar que, muitas vezes, é necessário deixar que a maré leve algumas coisas para trazer outras, e que isto é essencial para que se possa dar os primeiros mergulhos. Vejo como foi importante para meu aprendizado ter tido a oportunidade de iniciar-me no curso com uma disciplina tão completa e importante como foram os Fundamentos do Desenho e Plástica I e II. Esse período de introdução foi alicerçado por professores competentes e conteúdos que realmente fizeram a diferença. Deixaram-me à vontade e sem medo para mergulhar. Sou muito grata por ter podido vivenciar com intensidade e profundidade essa iniciação no campo das artes através de professores também artistas, que compartilhavam, com seus alunos, suas vivências. Isso, para mim e no momento em que me encontrava, foi primordial e diferencial para o prosseguimento de meus estudos. Terminei o semestre com uma quantidade enorme de trabalhos para avaliação pela banca examinadora composta por todos

os sete professores ministrantes na disciplina FDP I. Fui aprovada e, o mais importante, senti-me profundamente leve e orgulhosa. Aquele tipo de avaliação mostrou-me que eu era e sou capaz de realizar meu trabalho com sensibilidade e responsabilidade. Não por ter sido aprovada, mas, principalmente, por ter podido perceber que tenho capacidade de trabalho e condições para continuar mergulhando, pois terei forças para voltar à tona.

Na etapa do Fundamentos do Desenho e Plástica II não foi diferente. Realizei o dobro dos trabalhos solicitados. Foi um semestre em que mantive minha expectativa para ingressar no Ateliê de Escultura. Nesse estágio semestral, levantei muitos questionamentos sobre meus gostos pessoais. No Fundamentos II, eu tinha que lidar com assuntos que não me agradavam tanto, com situações e alguns trabalhos que me deixavam desconfortável, porém mantive-me firme e continuei. Lidei da forma que me era mais viável e possível, porém foi um semestre com águas mais revoltas e desacomodadoras.

Concluí o segundo semestre com o terceiro já me aguardando. Um semestre vindouro muito esperado: o ingresso instigante na escultura.

### 3. ONDAS

No tão esperado terceiro semestre, comecei a produzir já, então, no Ateliê de Escultura, sob a orientação do professor José Goulart.

O começo foi bem difícil. Creio que foi uma das etapas mais exigidas no processo do ateliê. O professor me questionava constantemente: “O que é mais difícil ou mais importante: o que fazer ou como fazer?”.

Ao mesmo tempo, participava, com muita atenção e motivação, dos seminários que tínhamos às segundas-feiras. Eram e são tardes de muitas provocações, atravessamentos e informações. Esculturas, escultoras, escultores, materiais, equipamentos, história da escultura, escultura brasileira e latino-americana, questionamentos, reflexões, enfim, formação de acervo para entender e criar nessas águas.

Mesmo com muitas dúvidas e conflitos, eu reunia forças e prosseguia. Sobre isso, lembro quando, um dia, o professor Zé Goulart me disse: “Não te preocupas, pois, entre a dúvida e a certeza, é melhor ficar com o ponto de interrogação. A dúvida, na dúvida, te faz construir opções, já a certeza te conduz para um único ponto. Te acomoda.” Nunca esqueci e, com isso, também aprendi a diferença entre o medo e o temor. Principalmente na escultura, temos que ter alguns cuidados, temores, para irmos em frente. Nunca o medo, pois este paralisa e te deixa no mesmo lugar. Parado e paralisado em frente ao mar. Louco de vontade de experimentá-lo, porém o medo impede. Ou seja, como diz o professor: “Quem tem medo não cria, apenas copia...”

Transcrevi essas lembranças de momentos e citações de meu orientador, pois julgo que foram, e ainda são, orientações valiosas que encontraram lugar para morarem também em mim. Continuam a ressoar e ajudar em minhas travessias pelas águas que teimam em se apresentar na minha pesquisa escultórica e, por que não dizer, na minha vida.

No entanto, como já disse, a construção de uma autonomia criativa, no início, é bem complicada. Comecei realizando algumas cabeças figurativas, interpretadas, torsos e, naturalmente, parti para a representação de vaginas. No princípio, eram mulheres com cabeças de vaginas e, ao trabalhar esse tema, no processo de abstrair, comecei a reproduzir a forma com vazios profundos. Eram peças de pequeno porte, porém o trabalho não avançava e parecia cada vez mais trancado.

Ao final desse terceiro semestre, não entrei em avaliação. Repeti o semestre em uma decisão conjunta e dialogada com o professor orientador.

Figura 1 - Cabeça de vagina /2015



Fonte: arquivo pessoal

Figura 2 - Mulher interpretada /2015



Fonte: arquivo pessoal

No quarto ensino orientado, fiz uma cadeira de apoio em Desenho, com a professora Suzana Gruber. Comecei a realizar uma série de desenhos autorretratos em uma linha mais interpretativa, que partiu de fotografias minhas, quando percebi

que poderia juntar essa linguagem com a escultura, transformando-as em projetos. A partir daquele momento, percebi que também devia colocar para fora as águas de meu oceano interior. Para tanto, a argila começava a se confirmar e posicionar como um material muito significativo em minha poética. Eram exorcizações transportadas para o campo das artes tridimensionais, em busca de cumplicidade e entendimento. Para isso, eu tinha que sair de uma esfera meramente terapêutica e adentrar no universo e linguagem da escultura.

Figura 3 - Autorretrato interpretativo desenvolvido com prof. Susana Gruber /2016



Fonte: arquivo pessoal

Realmente, eu estava muito perdida, sem entender e sem conseguir relacionar com o sistema das artes o que estava produzindo. Fazia uma pesquisa ainda muito incipiente e sem aprofundamento. Apesar desses impasses, isso foi somente o começo. Mais do que um trabalho plástico, foi o início do trabalho de reconstrução de mim mesma. A partir dessa breve pesquisa que tive, com o tema “vaginas”, consegui entender muitas coisas que me assombravam. Traumas que vinham da infância e que se encontravam estacionados em meu corpo. Represados e já fazendo água.

A argila foi uma forma inicial de colocar os demônios para fora. Todavia, os resultados plásticos não me satisfaziam. Persisti e, com o passar do tempo, comecei a amadurecer e avançar em minhas investigações.

Nesse período - não posso me furtar de relatar - tive algumas situações lamentáveis ocorridas comigo, a partir de um pré-julgamento efetuado, infelizmente, por docentes do departamento de Artes Visuais. Não vou me prolongar nesse assunto, apenas tenho que deixar registrado, pois foram fatos marcantes, desestabilizadores, mas não seria isso que me faria desistir de continuar nessas águas. Ter sido vítima de uma denúncia irresponsável e falsa sempre será muito triste e desanimador. Graças à energia de outros professores, reuni forças e continuei.

#### 4. MERGULHO PROFUNDO

Vi-me com uma pesquisa que tinha um potencial para ser interessante, mas, ao longo da minha vivencia no ateliê de escultura, por mais que estivesse nascendo um trabalho, existia muita coisa acontecendo ao mesmo tempo... situações que me exigiram posicionamento diante delas e, então, me perdi e perdi meu trabalho diversas vezes... é tão difícil voltar a trabalhar quando há uma pausa no meio do processo!

Figura 4 - Autorretrato interpretativo em terracota /2016



Fonte: arquivo pessoal

Figura 5 - Autorretrato interpretativo em terracota/2016



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 6 - Autorretrato interpretativo em terracota, finalizado com cimento /2017



Fonte: arquivo pessoal

Figura 7 - Autorretrato interpretativo em terracota, finalizado com cimento /2017 -2



Fonte: arquivo pessoal

Lido com a depressão, que, muitas vezes, não me deixa sair da cama; com um transtorno de ansiedade, que me faz ter crises inexplicáveis, crises de pânico que me fazem sair de mim, trazendo-me surtos e angustias. Isso não é desculpa e muito menos preguiça, mas é difícil cursar uma faculdade carregando certas situações psicológicas e é ainda mais difícil cursar artes, onde há exigência de uma produção ininterrupta. Isso me atrapalhou e me atrapalha muito. Sinto como se eu estivesse mergulhando no mar e, inesperadamente, uma onda vem e me leva para longe, para a beira, praticamente para o ponto inicial.

Tento usar isso para inspiração, porém, muitas vezes, é impossível. Lidei com muitas quebras no meu processo e isso me doeu todas as vezes. Não é fácil recomeçar, e

percebo que, quando eu começava um mergulho profundo no meu processo, sempre acabava voltando para a superfície. Talvez fosse o medo de me afogar. O medo só me destruiu dentro desse processo, não posso mais ficar mergulhando e voltando para superfície. É necessário jogar-me ao mar da arte, se quero ser artista de verdade.

Dei muita importância a coisas que não eram importantes, mas percebo que isso fez parte do meu processo. Depois de certo momento, notei meu trabalho plástico muito mais profissional. Vi o trabalho com profundidade e seriedade. O problema é que sempre me perdi no caminho.

Sempre houve contratempo, sempre houve responsabilidades fora do ateliê, fora da faculdade, sempre me envolvo em muitas coisas, sempre houve uma ideologia para mim, luta por direitos, em todo o momento tentando unir tudo e, muitas vezes, isso foi possível, até porque arte é uma ação política. Em alguns momentos, vejo-me tendo que escolher se vou para rua, com o punho cerrado, ou vou para o ateliê produzir aquilo em que acredito. Houveram questões que me distanciaram da escultura, questões que quebraram meu processo, questões que me quebraram e que ainda me quebram.

Acreditei em coisas e situações que não eram reais, me doeí e me fiz presente em lugares que não cogito mais voltar, deixei-me levar por questões que não eram minhas e nem sinceras. Eu me coloquei em vários labirintos e, quando notei que não sabia voltar para a saída, foi avassalador sentir a dor do desamparo e solidão. É assim que a arte se mostra para mim quando a troco por outras situações. Ela me cobra presença e assumo que gosto disso.

A arte dói muito em quem está aberta(o) para senti-la, pelo fato de que ela cobra presença, ela revira nossas vísceras e coloca a dor e a verdade na nossa face, diante de nossos olhos. Por isso, dói, mas, ao mesmo tempo em que dói, a mesma dá o prazer, que é imensurável, de descrever para quem está disposta(o) a produzir com sinceridade. Por mais que existam tantas quebras no meu processo, quando volto é difícil, mas, quando encontro meu trabalho, ali, na escultura, nem o mar pode levar a excitação que sinto em me sentir presente, pois arte tem o poder da presença.



*A arte é meu mar  
É a maré que leva  
É a maré que traz...*

## 5. NADAR, MERGULHAR E AFUNDAR

O tema central da minha pesquisa de TFG trata sobre a construção de uma identidade individual concebida diante do que é adquirido com outro, colocando o outro como a pessoa que afeta, que constrói ideias, pensamentos, amor e dor, usando o autorretrato interpretativo na escultura com terracota como linguagem.

Autorretrato é um discurso feito na primeira pessoa, que busca a representação de si próprio. A busca no autorretrato interpretativo é a busca pelo outro através de uma autoimagem, tratando sobre relações e sobre como é fácil afogar-se em relações rasas; todo indivíduo é um pouco de cada um que se permite sentir e compartilhar, sem o tu não existe o eu.

“O **eu** que se manifesta nos autorretratos não é um **eu** que fala de si, mas que se mostra como pura superfície... é um **eu** que afirma com toda sua presença num **eu estou aqui!**”(PESSOA,p.11, grifos meus)

O autorretrato, nesse trabalho, mostra-se como uma afirmação da presença, mostrando que, além do outro, o eu também está ali, mostrando que, em apenas um autorretrato, pode estar muitas pessoas.

É fácil se perder entre o eu e o outro. Até que momento é possível aguentar uma relação tóxica? Um abuso? Um cale-se? A resposta é individual de cada pessoa conforme o contexto de vida experienciado. Mas a questão real que é levantada com essas perguntas é: como o outro pode ser tão destrutivo para o eu e como o eu pode ser tão destrutivo para o outro? É um círculo vicioso e doentio, porém, as pessoas estão se mostrando cada vez mais dispostas a viverem essas situações destrutivas nas relações, sem perceber que estão adoecendo umas às outras.

É comum, em meu processo, afogar-me quando trabalho com arte e quando me relaciono com o outro: ambos causam anseios. É trabalhar o afeto que afeta. É transformar o sentimento em algo concreto, pois, seguindo meus pensamentos, quando o amor dá errado, vira arte. Vira argila empilhada com a dor representada no modelado.

Fazemos parte de uma sociedade em que é impossível ignorar as relações. Para viver, é necessário relacionar-se com o outro.

Ao relacionarmos-nos com o próximo, estamos sujeitos a sentir, e a cada sentimento que é causado, mais estamos sendo o outro.

Conforme Merleau-Ponty (1999, p.84), “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida”.

Ao vivenciarmos com pessoas que nos rodeiam, estamos construindo nossa própria personalidade, mas nunca será somente nossa, uma vez que o outro estará interferindo em nosso contexto a todo o momento. Por este motivo que o outro está em tudo, está na dor, no amor, na lágrima, no sorriso, está em toda parte e faz parte de nós, assim como nós do outro.

Somos o outro na alegria e na solidão. Viver é dedicar a vida ao compartilhamento, pois a construção da identidade de cada indivíduo é adquirida diante o outro e com o outro.

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. Identidade significa aparecer: ser diferente, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. É discutível se essas “comunidades-cabide” oferecem o que se espera que ofereçam – um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão (BAUMAN, 2003, p. 21).

Este trabalho é sobre amor e sobre como reajo a ele; é sobre dor e sobre como a sinto; é sobre abuso e sobre como lido com o trauma; é sobre ação e sobre reação; é sobre relação entre a vida e a arte!

Nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a arte da vida, devemos, tal como qualquer outro tipo de artista, estabelecer desafios que são (pelo menos no momento em que estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente; devemos escolher alvos que estão (ao menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer teimosamente muito acima de nossa capacidade (pelo menos a já atingida) de harmonizar com o que quer que estejamos ou possamos estar fazendo. Precisamos tentar o impossível. E, sem o apoio de um prognóstico favorável fidedigno (que dirá de certeza), só podemos esperar que, com longo e penoso esforço, sejamos capazes de algum dia alcançar esses padrões e atingir esses alvos, e assim mostrar que estamos à altura do desafio (BAUMAN, 2009, p. 31).

Nenhum indivíduo é inteiro de si. Todo ser vivo precisa do outro para sobreviver. Cada indivíduo é um pedaço das situações, que carregam situações, estas que são agregadas a outras situações já vivenciadas nas relações durante a vida.

A cada relação, agregam-se conceitos, experiências, vivências e se perdem outros conceitos. Muda-se de opinião sobre algumas situações. Relacionar-se é modificar-se quando parecer necessário às situações apresentadas. A identidade individual é formada por um coletivo de relações, sejam essas relações familiares, profissionais ou amorosas.

A identidade de cada indivíduo se dá por causa do processo (vivências) individual de cada um e esse processo só é possível diante da experiência que cada indivíduo adquire durante a vida, de modo que essa experiência se dá através do contato com o outro.

Relações sempre são conflituosas, por mais harmoniosas que sejam, é difícil conviver com o outro. É como se duas ondas se chocassem no mar; ambas são fortes, mas, em alguns momentos, colidem e misturam-se, virando o mesmo mar, assim como nas relações.

*(...) Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser, senão porque ele é um eu natural, uma corrente existência dada, de forma que nunca saberemos se as forças que dirigem são as suas ou as nossas – ou antes elas nunca são inteiramente nem suas ou as nossas. (PONTY, 1999, p.236)*

Todo tipo de relação afeta o indivíduo, seja de forma construtiva ou destrutiva, até as relações mais rasas afetam, sempre se leva algo, é como estar na beira do mar: sempre acaba molhando, nem que seja só os pés.

Quem poderá dizer que não é o outro em nada? Se o próprio indivíduo é o outro muito antes de adquirir uma consciência, é gerado pelo outro, alimentado pelo outro, educado pelo outro, etc...

Já está visível que tudo gira em torno do outro e do afetado: trata-se dessa dualidade, em que uma coisa não existe sem a outra.

Nas relações, as pessoas são experimentações umas das outras. As relações humanas são extremamente complexas, existem diversos tipos de relações, desde as problemáticas até as casuais.

Como pensar em si sem pensar no outro que afeta? Cada ser humano é um ser único, porém é um ser cheio do outro em si, carregando na bagagem da vida um pouco de cada experiência adquirida.

*(...) Agora se trata de saber por que existem duas visões sobre mim e sobre meu corpo: meu corpo para mim e meu corpo para o outro, e como esses dois sistemas são possíveis. Com efeito, não basta dizer que o corpo objetivo pertence ao "para outro", meu corpo fenomenal ao "para mim", e não se pode recusar a colocar o problema de suas relações, já que o "para mim", e o "para outro" coexistem em um mesmo mundo, como o atesta*

minha percepção de um outro , que imediatamente me reconduz a condição de objeto para ele (...) (PONTY, 1999,p.624-625).

Quando se entra no mar, cada vez vai-se mais fundo, até sentir que não dá mais pé e não consegue nadar para voltar... assim é relacionar-se: ése afogar toda vez que possível. É lutar para que a onda não te leve. É impossível não levar marcas de cada mergulho.

A dor é intensa quando é sentida, a relação é constituída por mais de uma pessoa. Complicado falar do outro quando não se é o outro, pois é muito fácil se perder em sentimentos e paranoias que a vida com a outra pessoa nos oferece. As relações atuais são, muitas vezes, baseadas no mundo das ideias, coisas que são criadas pela mente.Exemplodisso são relações rasas, nas quais recebemos pouco, sendo que é comum se afogar, pelo fato que na mente idealizamos muito, porém só foi ilusão da mente humana.

Sou possuído pelo outro; o olhar do outro modela meu corpo em sua nudez, causa seu nascer, o esculpe, o produz como é, o vê como jamais o verei. O outro detém um segredo: o segredo do que sou. Faz-me ser e, por isso mesmo, possui-me, e esta possessão nada mais é que a consciência de meu possuir. E eu, no reconhecimento de minha objetividade, tenho a experiência de que ele detém esta consciência. A título de consciência, o outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que “haja” um ser, que é o meu. (SARTRE, 1999, p. 454-455).

Chega a nos transformar em algo que muitas vezes não nos reconhecemos. Entender que nenhum individuo é inteiro de si, ao se magoar em um relacionamento, é perceber que o outro está ali, junto, mas o que foi absorvido até o momento é difícil tirar, esquecer ou ignorar, pois o outro já faz parte e, infelizmente, nesses momentos, percebe-se que tem coisas que nem o mar pode levar.

De agora em diante, toda homogeneidade deve ser “pinçada” de uma massa confusa e variada por via de seleção, separação e exclusão; toda unidade precisa ser construída; o acordo “artificialmente produzido” é a única forma disponível de unidade. O entendimento comum só pode ser uma realização, alcançada (se for) ao fim de longa e tortuosa argumentação e persuasão, e em competição com um número indefinido de outras potencialidades – todas atraindo a atenção e cada uma delas prometendo uma variedade melhor (mais correta, mais eficaz ou mais agradável) de tarefas e soluções para os problemas da vida. E, se alcançado, o acordo comum nunca estará livre da memória dessas lutas passadas e das escolhas feitas no curso delas (BAUMAN, 2003, p. 19).

O indivíduo é o outro até quando está ausente, pois se faz presente em questões, situações, pensamentos e conflitos. O outro não deixa de existir pelo fato de que não está ali, mas ele existe porque esteve ali em algum momento e deixou

marcas, do mesmo jeito quando se está no mar calmo e só se percebe as ondas leves, até que, por descuido, uma onde forte te leve.

A escultora Camille Claudel, em 1930, quando estava em manicômio na França, escreveu uma carta ao escultor Augusto Rodin, com a seguinte frase: “*Há sempre algo de ausente que me atormenta.*”, frase esta que se refere ao escultor.

É essa forma de ausência que faz o outro permanecer nos momentos de solidão e de solitude. Não é possível ignorar o fato que o outro faz parte constante da vivência do indivíduo e que o afetado é o outro para alguém.

Um ciclo que não acaba. Sempre haverá o outro, mesmo que ausente; é mais fácil se afogar do que se possa imaginar.

Qualquer relação sempre começa com um molhar dos pés na água, ao se deixar envolver. A relação, que até então era somente uma água molhando os pés, torna-se uma onda que engole qualquer um e qualquer coisa. Isso acontece muito com o orgulho e muitas vezes com o amor próprio, se ambas as partes não forem cuidadosas. A relação levará tudo que o que resta.

As marcas feitas pelas relações nem a mais forte das ondas é capaz de levar. São as marcas que fazem a construção individual, elas são a ausência do que um dia existiu e, por mais que não exista mais, as marcas se fazem presentes.

O passo é amadurecer com elas e tentar não se afundar outra vez, mas creio que isso é impossível. A vida é a constante aventura de se afundar no mar toda vez que se permite entrar. Talvez, o desafio possa ser procurar alguém que seja barco e não o mar.

Seguir, nadar, mergulhar e afundar para poder viver tudo outra vez, com outra perspectiva para os erros não serem os mesmos, até porque permitir-se afundar é necessário. Viver no mar é perigoso, mas, que graça teria se não fosse assim?

A pesquisa plástica sobre essa questão vem se desenvolvendo na escultura com a terracota como material, partindo inicialmente de fotografias autorretratadas, seguidas de desenhos interpretativos como projeto inicial para buscar as formas na terracota, que se transforma em autorretrato, representando o outro através de símbolos e gestos.

...o outro me olha e, como tal, detém o segredo de meu ser e sabe o que sou; assim, o sentido profundo de meu ser acha-se fora de mim, aprisionado em uma ausência; o outro leva vantagem sobre mim /.../ Sou experiência do outro: eis o fato originário. (SARTRE, 1999, p. 453).

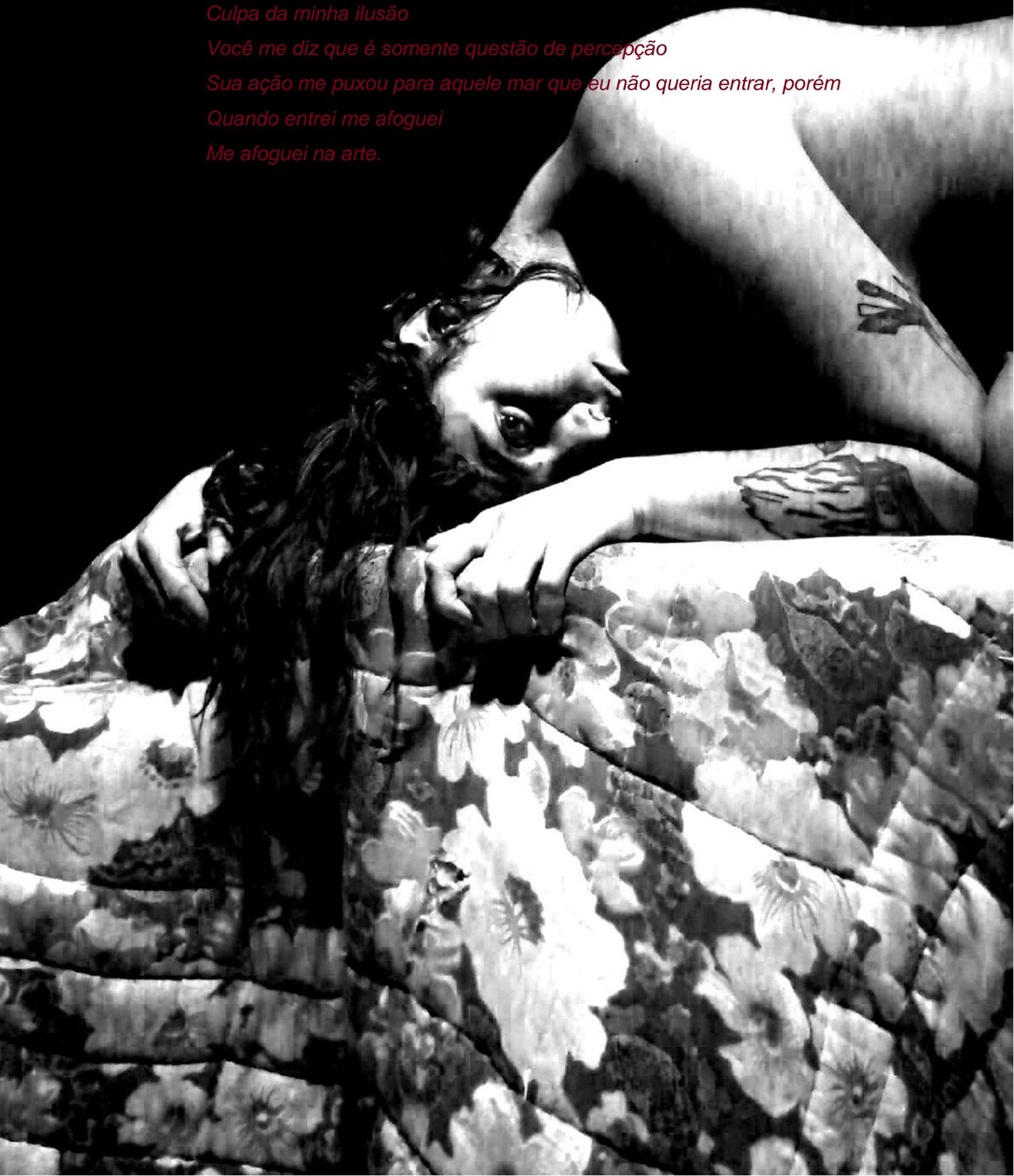
O outro é o mar, é a maré que leva e traz é a dor e o alívio. O trabalho apresentado é apenas o mergulho que foi dado em determinada situação vivida, experiência adquirida em algumas relações conturbadas, não há como fugir do mar, até porque a terracota, além de terra, é constituída por água e, assim, negar seria fugir e isso não é uma opção.

A condição de produzir é poder expressar as situações que esses mares causam em alguns momentos, a escultura é o próprio mar que engole.

O processo com a terracota é conflituoso. Tantas peças se perdem por descuido em alguns momentos. É difícil uma peça sair ilesa em todas as etapas de sua feitura, porém é parte do processo, lento e doloroso. É normal carregar alguns fardos quando se escolhe a arte para instrumento de trabalho.

A arte é o outro também. Enquanto artista, por mais individual que seja o trabalho produzido, ele é feito para o outro, arte é para observar e dialogar com o público, a arte quando pronta deixa de ser o artista para ser do(a) observador(a).

*Ao me olhar no espelho enxerguei-me afogada  
Afogada em magoas  
Enxerguei o mar de depressão  
Culpa da minha ilusão  
Você me diz que é somente questão de percepção  
Sua ação me puxou para aquele mar que eu não queria entrar, porém  
Quando entrei me afoguei  
Me afoguei na arte.*



## 5.1. UM POUCO DO MERGULHO

Para este TFGI proponho, então, a realização de um trabalho em escultura de maior dimensão, tendo como foco expressivo a figura feminina. Procurarei pesquisar e criar um trabalho com um porte adequado para dispô-lo em espaço público (ar livre).

Esta primeira etapa deverá ser executada na técnica do modelado em argila. A figura feminina será abordada entre uma situação de observação, com algum viés interpretativo. O estudo desta figura se deu a partir da exploração fotográfica de meu próprio corpo em registros realizados por mim e pelo professor orientador. Esse foi um momento importante e crucial, pois precisava ter a minha própria consciência corporal e de inserção espacial. Precisava sentir, em mim, a forma e o conteúdo, para poder apropriar, encarnar e modelar. Buscar condições de imaginar e planejar procedimentos e momentos. Visualizar mentalmente (e antecipadamente) a forma e a dimensão apropriada. A volumetria de ocupação espacial adequada para a forma poética escolhida. Também realizei pequenos desenhos e projetos a partir das fotografias, objetivando uma imersão e entendimento mais aprofundado e sensível no diálogo entre forma e expressão e procedimentos técnicos.

Com relação à forma/composição, havia muitas opções de escolha, pois tinha um acervo de quase trezentas fotos para observar, refletir e tomar uma decisão. Foram poses variadas, porém o fio condutor água, ondas, oceano, nadar e afogar foram conceitos fundamentais nas reflexões e na tomada de decisão. Selecionei em torno de quarenta poses que foram discutidas com o professor orientador. Fruto desses diálogos, questionamentos, provocações e relações com alguns textos e poemas de minha autoria (anexos) determinaram, enfim, o foco poético a ser trabalhado. Ou melhor, o meu corpo como cenário, protagonista e intérprete de minhas andanças e submersões nas profundezas do oceano que trago em mim.

Uma tarefa e tanto. Uma responsabilidade técnica e expressiva literalmente de peso que exigiu muita preocupação e cuidados. Precauções para não permanecer afogada demasiadamente nessas águas.

As especificidades desse tipo de trabalho e pesquisa exigem uma preparação e logísticas particulares e demandam muito tempo. Precisei calcular e preparar a quantidade necessária de argila, lugar para a realização da peça, bancada apropriada e forte o suficiente para suportar o peso, luminosidade do lugar de

trabalho e equipamentos, como estecos, batedores, pulverizadores, facas, fios de corte, plásticos para cobertura, etc..

Feita a seleção e reflexão sobre o acervo de fotografias, escolhi uma pose que me pareceu reunir elementos formais e subjetivos que busco pesquisar.

Figura 8 - Três fotos que auxiliaram na feitura da escultura.



Fonte: arquivo pessoal.

De imediato, as providências de logística mostraram-se extremamente fatigantes. A quantidade de barro necessária para preparar e iniciar o modelado era grande e a maromba<sup>3</sup> tem um funcionamento e preparo muito lento. Nesse tipo e porte de trabalho, é uma característica própria da área tridimensional e acontece naturalmente no âmbito ateliê: O compartilhar. A ajuda espontânea dos colegas no auxílio à estruturação e preparo do barro.

Também, como necessidade preparatória, tive que realizar o planejamento estrutural. Ou seja, antever situações e dificuldades técnicas e achar soluções, como se pode observar abaixo.

---

<sup>3</sup>Equipamento utilizado para preparar e amassar o barro. Também denominada extrusora de argila.

Figura 9 - Planejamento a partir da foto e implementação prática.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 10 - Planejamento a partir da foto e implementação prática. 2



Fonte: arquivo pessoal

Figura 11 - Planejamento a partir da foto e implementação prática



Fonte: arquivo pessoal.

A utilização de uma espécie de grande compasso feito com ferro de construção foi a saída encontrada para capturar e manter o movimento e tensionamentos contidos na pose. A curvatura existente, com um lançamento corporal feito onda, exige cuidados técnicos e sensíveis.

Figura 12 - O compasso.



Fonte: arquivo pessoal.

O modelado, ao menos na minha visão, não pode ser somente uma execução técnica. Tenho que buscar um diálogo maior entre os materiais, a poética e o meu corpo que é modelo e construtor.

O próximo desafio foi resolver como modelar e apoiar a parte superior, tendo em vista o peso aí acumulado. Construimos, então, uma espécie de muro (anteparo), que, além de suportar a carga superior da figura, na sequência deverá

transformar-se em uma onda. Provavelmente terei, neste momento, outra dificuldade, pois este aparato originalmente técnico deverá assumir uma forma dotada de movimento. Na sequência, este *muro* deverá ter um vazado para liberar a forma das costas da figura a dimensão deste vazio terá que ser bem dimensionada nos aspectos técnicos e expressivos, pois, de outra ordem, a peça inteira poderá sucumbir.

Figura 13 - Vencendo etapas.



Fonte: arquivo pessoal.

Avançando, aos poucos, e muito aos poucos, cada etapa, as exigências estruturais e expressivas foram aumentando. Manter a umidade adequada, dia após dia, observar e consertar rachaduras, ter coragem para desmanchar partes aparentemente prontas, executar o modelado de modo a não ter bolhas de ar internas, enfim, uma gama de cuidado diários imprescindíveis para manter a pesquisa em estado de modelagem.

À medida que avançava nesse verdadeiro oceano, cada vez mais tinha que ter energia e fôlego para não me afogar completamente. Onda após onda, fui adentrando nessas águas.

A forma ia surgindo, mostrando-se como existência, e a fotografia sendo tomada mais como ponto de partida. Sentia que minha figura assumia corpo e uma espécie de vontade própria. Uma energia e diálogo que eu sentia na palma da mão ao percorrer sua superfície e entranhas.

À medida em que me encaminhava para o primeiro estágio de finalizações, a etapa posterior passou a fazer parte de minhas preocupações e conflitos. Só de pensar que os procedimentos técnicos posteriores incluirão o fatiamento da peça, um sentimento de fragilidade e desconfiança passou a percorrer o meu corpo. Um desconforto talvez pela parte do processo de corte da peça para que caiba no forno e

possibilidade da perda da peça no processo de queima ou por sentir em meu próprio corpo estes procedimentos.

Após a queima, a figura deverá ser montada e restaurada em uma técnica construtiva com a utilização de ferros, cimento e posterior patina. Esta etapa será destinada para execução no Trabalho Final de Graduação II, em que explicitarei e discutirei todas estas passagens técnicas e expressivas.

Por ora, continuo nadando e reunindo forças para prosseguir.

Para o TFG II, o objetivo foi mostrar etapas da desmontagem, remontagem e respectivos processos técnicos presentes em uma produção escultórica, de grande porte, planejada para instalação em área pública externa na Universidade Federal de Santa Maria ou em outro local ou cidade.

Com a peça já modelada em argila, a escultura foi cortada em quinze pedaços. O corte da peça exigiu cerca de cinco pessoas para ser efetuado, devido ao esforço físico necessário, cuidados no manuseio relativo ao peso das partes e no transporte para secagem. Como instrumento para o corte, foi usado fios de náilon e arames de diversas espessuras.

Figura 14 - Escultura pronta no modelado.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 15 - Escultura pronta no modelado. 2



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 16 - Fio de arame utilizado para o corte.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 17 - Processo de corte.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 18 - Processo de corte. 2



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 19 - Processo de corte. 3



Fonte: arquivo pessoal.

Os pedaços levaram em torno de dois a três meses para secarem por completo. Logo após a secagem (processo extremamente lento), os pedaços foram para o forno cerâmico, em média de três a quatro pedaços por vez, em uma temperatura de queima de mil graus. Esta etapa só pode ter seu início a partir dos primeiros dias do mês de novembro. É importante ressaltar que, mesmo assim, algumas partes ainda não estavam completamente secas. Na realidade, oitenta por cento das peças não apresentavam ainda condições ideais para queima. Isso fez com que grande parte das peças resultassem, após a queima, com um número maior de rachaduras e quebras do que o previsto e normal se as mesmas estivessem completamente secas.

Figura 20 - Partes da escultura no forno, após queima.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 21 - Peça rachada



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 22 – Peça rachada. 2



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 23 - Apresentação para o TFG



Fonte: arquivo pessoal.

*Figura 24 - Apresentação para o TFG.2.*



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 25 - Apresentação para o TFG.3.



Fonte: Arquivo pessoal.

Com todas as partes já queimadas (final de novembro), a montagem, em princípio, e seguindo o planejamento técnico, deverá ser feita ao ar livre no campus da UFSM. No entanto devido ao tempo e exíguo e questões técnicas já apontadas, também trabalhei com a possibilidade, bastante concreta, de realizar a montagem definitiva em outro local, como por exemplo, em Alvorada/RS cidade que resido.

Retomando o relato de ordem mais técnica, elucidado que os pedaços serão novamente reagrupados com cimento, areia fina e malhas de arames. No interior da peça, inseriremos ferro de construção (vergalhões) para firmar e ligar a estrutura e retomar à forma original. A etapa posterior versará sobre questões que envolvem lixamentos, inserção de massa cimentícia nas emendas, raspagem, readequações formais e estruturais, além de uma possível finalização com uma patina fria. Esse revestimento na superfície deverá não comprometer a coloração natural do processo de queima característica de uma grande terracota. O tom alaranjado do oriundo do óxido de ferro ficará preservado para dar a personalidade e o caráter próprio da técnica e do material utilizado, no caso o modelado e a argila. Interferirei em zonas

bem definidas que necessitarão de um complemento de cor para acentuar a expressividade do jogo de planos e volumes. Outro ponto que planejo inserir é um pequeno projeto paisagístico que dialogue e faça uma transição da peça com o espaço maior do entorno.

A escultura, após todos estes procedimentos descritos, perderá situações de detalhamento, que também deverão ser recuperados com o cimento preparado com areia ainda mais fina para propiciar o modelado direto com esta massa e recuperar principalmente detalhes em positivo da figura.

Por mais que eu tenha tomado todos os cuidados, inclusive diários, na secagem e reparos próprios da contração no processo de evaporação da quantidade de água contida na massa argilosa, ocorreram retrações bruscas que não foram possíveis controlar.

Esse segundo semestre de 2018 foi muito chuvoso e com trocas abruptas de temperatura em um mesmo dia, o que impediu uma secagem mais disciplinada e com possibilidades de algum controle, como, por exemplo, cobrindo e recobrando partes de menor quantidade de massa. Mesmo assim, consegui agilizar a secagem em algumas peças, o que não foi possível nas maiores e responsáveis pela reestruturação formal pós queima. No entanto, realizamos queimas cuidadosas e lentas, com suba paulatinas e constantes da temperatura no forno cerâmico (até mil graus). Mesmo com todas essas precauções e também fruto da necessidade de tentar finalizar o trabalho nesse semestre, ocorreram fissuras e rachaduras de diversas proporções na maioria das peças, o que consumiu um tempo além do previsto. Foi necessário restaurar separadamente, com massa forte de cimento, cada peça, para depois juntá-las e reorganizá-las novamente. Isso somente depois de cada peça estar devidamente seca e fortalecida pela massa de cimento colocada para dirimir o espaço das rachaduras e tornar cada pedaço fortalecido matricamente. Somente depois disso é que pude aproximar cada peça para formar a figura novamente. Esse procedimento foi preparatório para ver como as partes se ajustavam e retomavam o sentido de unidade estrutural e formal trabalhado originalmente no modelado.

Finalizada a análise desse reagrupamento das partes, analisados os aspectos formais e expressivos, foi novamente desmontadas as partes para serem trabalhadas parte a parte, com todo o aparato já explicado anteriormente (ferros,

malha de ferro, vergalhões, concreto com britas...) até concluirmos e chegarmos à unidade formal. Ou seja, a forma primeira trabalhada no modelado.

É um trabalho que, por mais que se queira e necessite, não dá margens a apressamentos. Cada parte agregada com os procedimentos do cimento e outros tem que esperar sua secagem para depois entrar com outra parte. Sintetizando, é uma parte por vez, secagem, e só depois outro pedaço, e assim por diante até o ressurgir da forma como um todo.

Para mim, além de todo o conhecimento técnico e sensível revigorado (o que foi um desafio...), tive, e estou tendo, que exercitar em mim muita disciplina, persistência e mesmo teimosia para continuar e acreditar que, mesmo em momentos de afogamento, terei forças para vir à tona. Respirar e tomar fôlego para continuar em meio às águas e ondas deste imenso oceano escultórico em que me encontro. Não vou ficar muito tempo afogada.

Logo, haverá mais uma escultura no campus da UFSM ou em um espaço público de Alvorada/RS cidade que resido. O trabalho foi árduo. Um grande teste de paciência e de confiança no trabalho, com muitos questionamentos, erros e sentimentos envolvidos. Entretanto, o sentimento de trabalho em processo é intenso. Posso afirmar que nestas águas vale a pena nadar,mergulhar e, em alguns momentos,talvez até afogar-me.Posso confidenciar que este trabalho foi o mais difícil, porém prazeroso, a que me desafiei a fazer.

Afoguei-me

Senti

Doeu, mas foi lindo!

## 6. REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CLAUDEL, Camille. Carta a Augusto Rodin, 1930.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed., Martins Fontes, 1999.

MORAIS, Frederico. **Chorei em Bruges**, ed. Avenir, 1983.

O Auto-Retrato: o espelho, as coisas (2006 : São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento439639/o-auto-retrato-o-espelho-as-coisas-2006-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 18 de Nov. 2018. Verbete da Enciclopédia.  
ISBN: 978-85-7979-060-7

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.